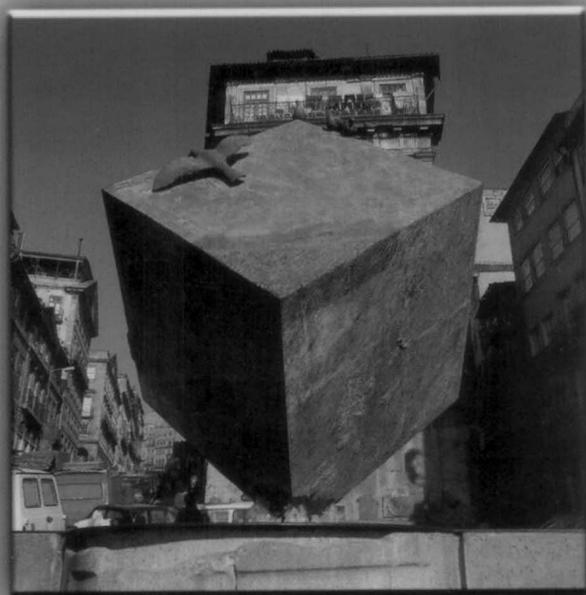


Nel mezzo del cammin



ACTAS DA JORNADA DE ESTUDOS ITALIANOS

EM HONRA DE

Giuseppe Mea

sombra pela cintura

NEL MEZZO DEL CAMMIN

ACTAS DA JORNADA DE ESTUDOS ITALIANOS

EM HONRA DE GIUSEPPE MEA

(Porto, 24-25 de Novembro de 2008)

Organização de Francisco Topa e Rita Marnoto

sombra pela cintura

© Autores e sombra pela cintura, Porto, 2009

Paginação e impressão: Tipografia Nunes — Maia; Junho de 2009

Depósito legal: 295238/09

ISBN: 978-989-96206-1-2

ÍNDICE

- 9 *Nel mezzo del cammin*
- 11 Agostinho Araújo — *O restauro de painéis e a actividade de alguns pintores italianos em Portugal (ca. 1710-1860)*
- 65 Albano Martins — *A Itália aqui tão perto*
- 69 Alberto Sismondini — *'Arriva Tazio': lingua e cultura di massa del 'ventennio'. Spunti didattici*
- 81 Aniello Angelo Avella — *A imperatriz e a bailarina. Vida, ficção e morte numa história ítalo-luso-brasileira*
- 89 Brunello De Cusatis — *Imperativo moral e cristianismo popular na parábola existencial e literária de Ignazio Silone*
- 97 Catia Benedetti — *As navegações portuguesas de Enrico Alberto d'Albertis. O "Corsaro" na Madeira e nos Açores (1884-1888)*
- 115 Celina Silva — *Lima de Freitas: do 'Ver' ao 515 (Referências pontuais acerca de questões abissais)*
- 127 Cidália Dinis — *O (anti)clericalismo boccacciano em Tomé Tavares*
- 137 Clelia Bettini — *Il Portogallo a Livorno. I "Canti Popolari Portoghesi" di Ettore Toci*

- 149 Cristina A. M. de Marinho — *As lágrimas do riso em Antônio José da Silva: comunicação em "Variações de Proteu"*
- 175 Danyel Guerra — *Neo-realismo: um cinema tornado ternura*
- 197 Elio Pecora — *Poeti italiani del '900: fra trascuratezza e dimenticanza*
- 221 Elisa Gomes da Torre — *Um elogio a Dante. Silvestre Ribeiro e a divulgação da "Divina Comédia" em Portugal*
- 239 Elsa Pereira — *Tra l'Italia e il Portogallo: a "Nova Alvorada" e a afirmação da lusofilia*
- 261 Francisco Topa — *Ecos italianos na poesia do Abade de Jazente*
- 271 Geraldo J. A. Coelho Dias — *O humanista português Aquiles Estação e seu contributo para a Biblioteca Vallicelliana de S. Filipe de Neri em Roma*
- 277 Giulia Lanciani — *A lexicografia bilingue: problemas e métodos*
- 285 Giuseppe Tavani — *Elogio do dicionário bilingue*
- 293 Jorge Martins Ribeiro — *Viajantes italianos em Portugal nos séculos XVIII e XIX*
- 315 José Manuel Martins — *A literalidade da música como "sentido do sentido"*
- 357 Maciel Morais Santos — *A diplomacia portuguesa e as colónias italianas em 1947-1948*
- 371 Manuel Augusto Rodrigues — *Recepção na Universidade de Coimbra de obras de exegetas e hebraístas italianos*
- 403 Maria Bochicchio — *Tendências da actual poesia italiana*
- 433 Mariagrazia Russo — *Da ortoépia aos paramentos sacerdotais na "Grammatica italiana" (1734 e 1756) de Luís Caetano de Lima*
- 453 Maria João Reynaud — *Com leve coração, com leves mãos: a poesia de Cristina Campo*

- 459 Maria Luisa Cusati — *L' "Istituto Universitario Orientale" negli anni '60*
- 465 Maria Luísa Malato Borralho — *Italo Calvino e o século XVIII: as aventuras de um Barão Trepador*
- 491 Mário Cláudio — *Seleção de textos*
- 501 Mário Vilela — *A "Divina Comédia" em traduções para português*
- 519 Marta Afonso — *Carlo Emilio Gadda em português? Aspectos da (não) recepção da sua obra em Portugal e no Brasil*
- 531 Monica Lupetti — *Cultura, grammatica e lessicografia nel Portogallo del Settecento: glottodidattica e plurilinguismo in Luís Caetano de Lima*
- 553 Patrícia de Almeida Silva — *Depoimento*
- 559 Rita Ciotta Neves — *Oltre il realismo: Contrasti e modernità in "Il Mare non Bagna Napoli" di Anna Maria Ortese*
- 571 Rita Marnoto — *Italiano para portugueses: perspectivas didácticas*
- 589 Simonetta Neto — *Algumas reflexões sobre a tradução literária de italiano para português*
- 599 Susana Restier Poças — *Redescobrir Amedeo Modigliani (1884-1920) na interface artística entre Portugal e Itália*
- 627 Vasco Graça Moura — *Sete poemas de Miguel Ângelo*
- 635 Cristina A. M. de Marinho — *Recensão crítica a Cartas Italianas, de Luís António Verney*

Nel mezzo del cammin

O presente volume reúne a quase totalidade das comunicações apresentadas no encontro *Nel mezzo del cammin — Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea*, que decorreu a 24 e 25 de Novembro do ano passado, na Faculdade de Letras do Porto, por iniciativa conjunta desta Faculdade e do Instituto de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra.

A comunidade científica fica agora mais rica com a versão revista e ampliada dos trabalhos há seis meses dados a conhecer em versão oral, mas alguma coisa de muito importante se perde nesta passagem da Jornada para as Actas: o clima de festivo afecto que rodeou o encontro. Festivo afecto pelo Prof. Giuseppe Mea, obviamente, cuja aposentação como Leitor de língua e literatura italianas da Faculdade de Letras do Porto se assinalava. Mas festivo afecto também pela língua, pela literatura e pela cultura italianas, encaradas isoladamente ou nas suas relações com Portugal. Só este afecto, conjugado com um sentimento de gratidão e um sentido de justiça, permitiu a reunião de tanta e tão qualificada gente, vinda de várias partes de Itália e de lugares diversos de Portugal, do mundo académico e do mundo das letras; mestres, colegas, alunos de Giuseppe Mea. Amigos, no fundo, que quiseram mostrar que continua a fazer sentido a aposta no diálogo cultural entre Itália e Portugal.

Os 38 textos agora reunidos cobrem uma ampla gama de áreas do saber, da linguística à história da arte, da literatura à filosofia, da história à tradução. Como seria de esperar, destacam-se as temáticas mais directamente

relacionadas com a obra do homenageado, a começar pela lexicografia, contemplada nas intervenções de Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani. A primeira gramática portuguesa de italiano motiva os estudos de Mariagrazia Russo e Monica Lupetti, havendo também dois textos — de Simonetta Neto e de Mário Vilela — sobre a tradução de italiano para português, a que se junta a tradução de sete poemas de Miguel Ângelo apresentada por Vasco Graça Moura. Não falta ainda a didáctica do italiano, abordada por Rita Marnoto e por Alberto Sismondini, sendo estes temas complementados por três testemunhos de tipo diverso: o de Mário Cláudio, através de uma pequena antologia de textos seus; o de Maria Luisa Cusati, sobre o Istituto Universitario Orientale no período em que lá estudou com Giuseppe Mea; o de Patrícia de Almeida Silva, antiga aluna do homenageado. Das restantes questões, avulta a literatura italiana contemporânea (objecto de panorâmicas por parte de Elio Pecora e Maria Bochicchio e de abordagens particulares de vários outros investigadores) e o relacionamento literário e cultural entre Itália e Portugal.

Perante este conjunto de trabalhos, creio que podemos ser optimistas quanto ao futuro dos estudos italianos em Portugal. É pouco provável que venhamos algum dia a dispensar à Itália, à sua língua, à sua literatura e à sua cultura o mesmo nível de atenção que a Itália dedica à língua, à literatura e à cultura portuguesas. Ou que venhamos a ter num futuro próximo tantos e tão bons italianistas como os lusitanistas que há em Itália. É certo também que são vários e preocupantes os sinais de desinvestimento na italianística em várias das nossas universidades, a começar pela do Porto e pela sua Faculdade de Letras, onde as cadeiras de língua e de literatura italianas, que Giuseppe Mea assegurou entre 1972 e 2008, estão agora encerradas. Seja como for, não podemos esquecer que estamos apenas *Nel mezzo del cammin*. E que contamos com Giuseppe Mea para a outra metade.

Porto, 25 de Maio de 2009

F. T.

AS NAVEGAÇÕES PORTUGUESAS DE ENRICO

ALBERTO D'ALBERTIS

O *Corsaro* na Madeira e nos Açores (1884-1888)

CATIA BENEDETTI

Universidade dos Açores
catia.benedetti@gmail.com

Quando recebi o amável convite que me foi dirigido, experimentei uma espécie de reflexo analógico que, espero, em breve se tornará claro. De facto, o importante trabalho do Professor Giuseppe Mea evocou em mim noções como intercâmbio, diálogo intercultural, dinâmicas de transmissão civilizacional; ou, utilizando uma imagem que prefiro, mais uma vez induziu-me a reflectir sobre aqueles especiais corredores de comunicação que se abrem no espaço europeu, contribuindo para configurá-lo como um sistema eminentemente 'arquipelágico', em que as culturas nacionais podem sim ser vistas como ilhas — isto é, como unidades territoriais discrimináveis, e dotadas de características culturais e identitárias próprias —, mas como ilhas que infalivelmente se procuram e se encontram umas às outras, inventando e reinventando os meios necessários para se manterem em contacto entre si. É esta uma imagem e uma metáfora só em aparên-

cia banal, da qual Massimo Cacciari já apontou as inúmeras implicações teóricas e históricas¹. À sua maneira, também o capitão Enrico Alberto D'Albertis foi um construtor consciente desses corredores culturais, além de ter sido um apaixonado visitador de ilhas; quando desembarcava nelas, o seu temperamento, que diríamos 'naturaliter comparativista', levava-o a encetar percursos de conhecimento que nada tinham a ver com a procura da diversão. D'Albertis chegou a Portugal por via marítima e, que se saiba, não visitou nunca o continente: as suas viagens tiveram como meta a Madeira e os Açores, o que desde já constitui uma curiosa filtragem por parte de quem, como os seus livros demonstram, detinha um notável conhecimento da história e da cultura portuguesas.

Um período de quatro anos separa as duas navegações que constituem o objecto desta comunicação; foram empreendidas em 1882 e 1886, sendo que um igual intervalo se verifica entre as datas de publicação dos dois volumes aos quais foi confiado o relato dessas viagens (1884 e 1888). O primeiro, cujo título é *Crociera del Corsaro alle isole Madera e Canarie narrata dal Capitano Enrico D'Albertis*, foi publicado por uma benemérita instituição da cidade natal do autor², a *Tipografia del Regio Istituto Sordo-Muti* de Génova. Já o livro seguinte, em que o Capitão se apresenta com o seu nome completo (Enrico Alberto D'Albertis), mas usa o mais sucinto título de *Crociera del Corsaro alle Azzorre*, beneficiou dos cuidados editoriais e da difusão à escala nacional assegurados pela casa Fratelli Treves de

¹ M. Cacciari, *Arcipelago*, Milano, Adelphi, 1997.

² Não se tratava de uma edição do autor, como a referência poderia sugerir: a *Tipografia del Regio Istituto Sordo-Muti* era, naquela data, uma conhecida casa editora, cuja denominação conservava a memória das suas origens, que já tinha publicado, em 1877, *Crociera del Violante comandato dal Capitano Armatore E. d'Albertis durante l'anno 1876*.

Milão, que na altura era uma das maiores³. Não é só a passagem para a mais prestigiada editora milanesa que nos leva a crer que a matéria madeirense e canarina tivesse suscitado um razoável interesse junto do público: o facto é que, em 1888, para além de publicar o livro mais recente, a Treves realizou uma segunda edição do anterior, sinal de que a primeira se encontraria já esgotada. Evidentemente, existia uma previsão de vendas favorável para este género de literatura de viagem que, como veremos, não se caracterizava propriamente pela sua capacidade evocadora de atmosferas exóticas. Bem pelo contrário, o que este empreendimento narrativo tem de mais notável é a constante intenção informativa e até científica, veiculada por uma escrita que com certeza se propõe ser cativante, e para o efeito recorre com frequência ao registo jocoso e a uma discursividade bem-

³ Criada em 1861 por Emilio Treves (Trieste, 1834 – Milão, 1916), mais tarde auxiliado pelo irmão Guido, foi uma das mais importantes editoras italianas, quer no campo da literatura (D'Annunzio, Verga, Pirandello e Grazia Deledda constavam entre os seus autores, e a famosa *Biblioteca Amena* chegaria a ser composta por milhares de títulos), quer no âmbito da divulgação científica, em que se distinguiu ideando a colecção *La scienza del popolo* (1868-69), uma série de 45 volumes extremamente económicos, que representaram um marco histórico na concepção da cultura nacional. Também a literatura juvenil mereceu a atenção dos irmãos Treves, que em 1886 publicaram *Cuore* di Edmondo De Amicis. Um enorme êxito foi também a publicação em fascículos da Bíblia (na tradução de Antonio Martini), com as 230 ilustrações de Gustave Doré. Também a publicação periódica que, após algumas alterações, ficou célebre com o título de *L'illustrazione italiana*, foi um dos pontos de força da editora. Com a morte de Emilio, a Treves conheceu um período de recessão, que tentou ultrapassar em 1933 juntando-se à casa Bestetti-Tumminelli e ao Instituto Treccani. As leis anti-semitas de 1938, contudo, tornaram impossível à família Treves conservar a sua propriedade, dado que aos judeus ficava proibido o exercício de actividades industriais. Em 1939 a editora foi comprada por Aldo Garzanti, que lhe deu um novo nome e um novo destino no panorama editorial italiano. Na casa editora Fratelli Treves, D'Albertis publicou ainda *Crociera del Corsaro a San Salvador* (1898) e *Una gita all'Harrar* (1906).

-humorada. A sua característica fundamental é a captação dos dados concretos que emergiam das realidades com as quais o autor tomava contacto, e o seu conseqüente enquadramento nas diferentes áreas de interesse por ele cultivadas: as ciências naturais, a etnologia, a economia, a história, e obviamente todas as disciplinas inerentes à ciência náutica, que afinal era a sua primeira especialização.

Estamos de facto em presença de um tipo acabado de intelectual positivista, extremamente cultivado em vários campos do saber, e sobretudo animado por um optimismo inesgotável em relação aos destinos das colectividades humanas, que o progresso técnico e científico libertaria das penosas limitações herdadas do passado. Apesar de se apresentar aos leitores com a modéstia de um rude homem do mar, as suas bases culturais são evidentemente mais que sólidas; o facto de ter tido ao seu dispor um ingente património, a disciplina adquirida ao longo da sua formação como Oficial da Marinha Militar, e o seu sincero e exclusivo amor pelo conhecimento devem ter-se aliado na construção de uma personalidade sem dúvida fascinante, tão multifacetada nas suas expressões quanto coerente a nível ideológico e comportamental. Os feitos e as realizações do capitão, para além dos muitos escritos memoriais, históricos e científicos, são de facto tão numerosos que não é possível enumerá-los aqui. Baste apontar que, depois de ter saído da Marinha Militar (tendo sido um combatente activo, em 1866, na batalha de Lissa), e após uma passagem pela Marinha Mercante, durante a qual ainda teve tempo de comandar o primeiro navio italiano que atravessou o Canal de Suez, se dedicou exclusivamente à navegação de recreio nos dois veleiros que mandara construir para o seu uso pessoal, o *Violante* e o *Corsaro*. Foi um dos fundadores do Yacht Club Italiano (1879), que durante anos usou como emblema social o galhardete do *Violante*. Em 1893 repercorreu a rota de Colombo até São Salvador, utilizando apenas os instrumentos de que, na sua época, o desco-

bridor se podia ter servido, e dos quais o Capitão tinha desenhado e mandado construir réplicas minuciosas. Deu três vezes a volta ao mundo e também cumpriu o périplo do continente africano, servindo-se de todos os meios de transporte imagináveis. Das suas viagens resultaram várias colecções, não apenas mineralógicas, botânicas e zoológicas, mas também fotográficas e etnológicas. Interessou-se por arqueologia, tendo chegado a participar activamente nas escavações de Arturo Issel na Ligúria e de Ernesto Schiaparelli em Luxor. Outro grande empreendimento foi a concepção e a construção do *Castello D'Albertis*, o vistoso edifício que ainda hoje olha para o porto de Génova do alto da colina de Montegalletto. A construção, imponente e bizarra — uma complexa miscelânea estilística submetida a uma estética neo-gótica — ocupou-o entre 1886 e 1892: quem supervisionou a obra foi o arquitecto e pintor português Alfredo César Reis Freira de Andrade⁴. Em 1932, quando D'Albertis morreu, em cumprimento das suas disposições testamentárias o castelo foi legado à cidade de

⁴ Alfredo César Reis Freira de Andrade nasceu em Lisboa em 1839 e morreu em Génova, em 1915, três anos depois de se ter naturalizado italiano. Foi para Génova ainda jovem, seguindo a tradição comercial da família, mas revelou um interesse muito maior pelas artes do que pelo comércio. Em 1863, quando o pai o obrigou a voltar a Portugal, a Academia de Belas Artes de Lisboa ofereceu-lhe a cadeira de Paisagem, que ele recusou. No ano seguinte o legado do avô Bento permitiu-lhe novamente sair do País. Em Itália, dedicou-se ao levantamento e ao estudo do património arquitectónico medieval; como Superintendente de Belas Artes das Regiões Piemonte e Ligúria, dirigiu vários restauros de igrejas e castelos, e ficou célebre ao projectar o Burgo Medieval do Parque do Valentino, em Turim, por ocasião da *Esposizione Generale Italiana* de 1884. Em Lisboa, apresentara alguns projectos para a avenida marginal entre o Arsenal e o Terreiro do Paço, que não foram aceites. Em 1910 recebeu péssimas notícias: em consequência das perturbações sociais que se seguiram à proclamação da República, a sua quinta de Font'Alva — única obra que alguma vez realizara em Portugal — tinha sido saqueada. Embora doente, regressou a Lisboa, onde ficou por um longo período, tendo sido esta a sua última viagem ao País de origem.

Génova, com todas as suas preciosas colecções, e é hoje a sede do Museu das Culturas do Mundo.

Não admira que um homem destes, chegando aos Açores, tivesse sido magneticamente atraído por uma personalidade como a de Ernesto do Canto⁵. Ao ilustre Açoriano, por vários aspectos tão parecido consigo, ofereceu um exemplar da primeira edição do seu relato de viagem à Madeira e às Canárias, de que evidentemente tinha embarcado algumas cópias, com a seguinte dedicatória autografada: “Oferecido ao Excelentíssimo Señor (sic) Dr. Ernesto do Canto. Cap. E. A. D’Albertis”. O volume pode ser consultado na Biblioteca

⁵ Ernesto do Canto (1831-1900) nasceu em São Miguel de uma ilustre e rica família. Licenciado em Filosofia pela Universidade de Coimbra em 1856, regressou a Ponta Delgada para se dedicar aos negócios da família. O amor à investigação histórica e a ingente fortuna de que dispunha levaram-no a adquirir toda a bibliografia de tema açoriano que conseguiu encontrar, e a mandar copiar documentos guardados em bibliotecas e arquivos de muitas cidades europeias. Para poder publicar estes materiais ideou o ambicioso projecto do *Archivo dos Açores*, para o qual montou uma tipografia própria e contratou uma dezena de funcionários. Chegou a publicar 12 volumes, e após a sua morte o projecto foi continuado por um grupo de micaelenses que nomearam coordenador da obra o naturalista Francisco Afonso Chaves, responsável pela publicação de mais dois volumes. Ernesto do Canto não só geriu com êxito as suas grandes propriedades, como assumiu vários cargos públicos e foi o primeiro Presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, criada em 1895 graças a um decreto que concedia autonomia administrativa aos distritos açorianos que a solicitassem. Para além de desenvolver uma generosa acção filantrópica, foi sócio da Academia das Ciências e da Sociedade de Geografia de Lisboa. Legou à Biblioteca Pública de Ponta Delgada a sua vastíssima biblioteca, que ainda hoje representa um dos núcleos mais valiosos daquela instituição, que entretanto se transformou na actual Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Em 1979, a Universidade dos Açores (na altura ainda Instituto Universitário) encetou a reedição fac-similada do *Archivo dos Açores*, resgatando a obra de Ernesto do Canto da condição de raridade bibliográfica em que se tinha transformado, e devolvendo-a como instrumento de investigação à comunidade científica e a todos os interessados nas questões açorianas.

Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, assim como o de 1888, que evidentemente foi enviado de Itália aquando da sua publicação. Neste exemplar reencontramos a assinatura do comandante, completando uma vinheta com o dístico: “Offerta dell’Autore”, e podem ver-se algumas anotações do estudioso micaelense, que evidentemente o leu com muita atenção. Uma entre todas resulta interessante: “O autor não fez caso dos doc.^{tos} de 1439 e 1443-1447 do 1º nº do Archivo dos Açores”, escreveu Ernesto do Canto. Remetendo para uma nota o significado desta crítica⁶, limito-me aqui a assinalar que a oferta de livros foi certamente mútua: é óbvio que D’Albertis tinha levado para Itália os nove volumes do *Archivo dos Açores* publicados até à data da sua viagem — quando em 1888 saiu o décimo, *Crociera del Corsaro alle Azzorre* encontra-se citado, embora imperfeitamente, numa secção dedicada à cartografia. De resto, em todo o livro D’Albertis faz um uso abundante e declarado da ambiciosa recolha historiográfica impulsionada por Ernesto do Canto.

⁶ Na p. 74 do volume pertencente ao fundo Ernesto do Canto, na sua veemente defesa da tese segundo a qual a descoberta dos Açores seria mérito dos navegadores genoveses (argumentação que ocupa uma parte substancial do capítulo II), D’Albertis escreve: “Cabral, dopo un anno di preparativi, parti pel suo nuovo dominio, ove giunse il 29 Settembre 1445. Fu probabilmente solo allora, sebbene esista un’altra versione, che ricorrendo la festa religiosa di San Michele, Cabral deve aver dato alla nuova isola il nome del Santo la di cui festa coincideva con la data del secondo sbarco e della presa di possesso, nominandola São Miguel. Si fu pure in quest’epoca, che le isole scoperte furono collettivamente denominate Açores”. Ora, como observa E. do Canto, tal hipótese fica desmentida quer pelo documento de 1439 quer pelo de 1443, em que D. Afonso V se refere às ilhas justamente pelo nome colectivo de Açores; quanto ao documento de 1447, uma carta de D. Afonso V isentando os moradores de São Miguel do pagamento das dízimas de todos os géneros produzidos na ilha, a observação do estudioso micaelense é menos clara (a não ser que, pela referência a diversos produtos, se deva induzir que 1445 não pode ter sido o verdadeiro início de um povoamento organizado, pelas características produtivas que a ilha já teria nesta altura). Cf.: *Archivo dos Açores*, v. I, pp. 5-7, Ponta Delgada, 1878.

Na Madeira, D'Albertis não teve tempo de estabelecer relações tão marcantes: a sua estadia na ilha durou, ao todo, quatro dias. Curiosamente, quem se ocupou dos viajantes italianos não foi o Cônsul italiano, um certo Carminati que não merece ao autor uma única palavra de gratidão, mas sim o Cônsul Austro-húngaro Carlo de Bianchi, que organizou os passeios e as visitas que nos são relatados, e cuja amabilidade é várias vezes lembrada. À brevidade da permanência na Madeira corresponde a relativa exiguidade do espaço memorial que lhe é dedicado: não há dúvida de que, na *Crociera del Corsaro alle isole Madera e Canarie*, as ilhas espanholas fascinam muito mais o navegador italiano, especialmente no que toca à população dos Guanches. Após um primeiro e colorido capítulo dedicado às peripécias da viagem marítima, realizada entre 14 e 31 de Julho de 1892 (e bem mais movimentada que aquela que, quatro anos depois, entre 11 de Julho e 5 de Agosto, o levaria aos Açores), o segundo recolhe toda a matéria madeirense, organizada em blocos reconhecíveis, a saber:

- a) chegada ao Funchal e primeiras impressões paisagísticas;
- b) longo *excursus* sobre a história do arquipélago, narrando tanto aqueles que são tidos pelo autor como factos, quanto as lendas que os envolvem, e introduzindo um tema que lhe é particularmente caro, mas que só no livro seguinte encontrará mais amplo desenvolvimento:

Pure, per amore del vero, pel culto nelle nostre glorie patrie, delle quali ci è lecito andare orgogliosi, è mio doveroso compito far osservare che i gruppi di Madera e delle Azzorre figurano su portolani Genovesi dal 1351 in poi, ossia quasi un secolo prima che i Portoghesi, rivedendole, se ne attribuissero la scoperta.⁷

⁷ D'Albertis, *Crociera del Corsaro alle isole Madera e Canarie, narrata dal Capitano Enrico D'Albertis*, Génova, Tipografia del R. Istituto Sordo-Muti, 1884, p. 29.

c) descrição do Arquipélago da Madeira do ponto de vista geomorfológico e climatérico, com amplas referências às questões directamente ligadas aos transportes marítimos;

d) história económica da ilha e descrição pormenorizada da sua agricultura;

e) e finalmente, concentrado em poucas páginas, o relato da estadia. Se a cidade do Funchal não encantou o estado-maior do *Corsaro* — isto é, para além do Capitão, o Comissário Alberto Giusti e o naturalista de bordo, Dr. Leonardo Fea⁸ — a beleza natural da ilha é, pelo contrário, elogiada em tons exclamativos. A excursão que leva o pequeno grupo a visitar Nossa Senhora do Monte e o vale do Ribeiro Frio é contada com minuciosa precisão, e até a descida no carrinho do monte parece ter exaltado os visitantes. Ao leitor é ainda contado um episódio bastante aventuroso, a captura de um enorme *Dicerobatis Giornae*, que o Dr. Fea, com muita pena, não pôde levar para Génova, contentando-se então em reproduzi-lo numa gravura incluída no livro (ambos os volumes têm uma trintena de gravuras e um mapa desdobrável com os percursos marítimos assinalados); e depois de um jantar a bordo, com alguns convidados, às 3 horas da manhã do dia 4 de Agosto o *Corsaro* virou a proa rumo às Canárias.

⁸ Para além dos três aqui nomeados, a tripulação do *Corsaro* era composta pelos marinheiros Dragut, Zebú, Salim, Haruc (cozinheiro), Pertaú e Alladin e pelo *cabin boy* sudanês Ali. Como nos é explicado, tais 'nomes de guerra' eram tradicionais na marinharia genovesa. Apesar de não transmitir os dados biográficos reais dos seus homens, D'Albertis caracteriza-os com bastante pormenor, aproveitando as manias e idiossincrasias de cada um para enriquecer as partes humorísticas do livro. De 1882 a 1886, o único membro da equipagem que mudou foi Saimira, o macaco de bordo, substituído por Rosita na viagem aos Açores, na qual tomou parte também a cadela Sara.

Uma longa revisão do mito da Atlântida ocupa o terceiro capítulo, sendo os restantes sete dedicados por completo às Canárias e à viagem de regresso.

Um tratamento bem diferente é dado aos Açores: no livro que lhes é dedicado, o arquipélago é alcançado já no final do primeiro capítulo, e ocupa praticamente por completo os restantes quatro (tendo os dois relatos de viagem aproximadamente as mesmas dimensões, é evidente que em termos estruturais o segundo tem capítulos bastante mais longos). D'Albertis passou nos Açores vinte e dois dias. Chegou a São Miguel e ali se deteve de 6 a 21 de Agosto, data em que partiu para o Grupo Central. Visitou o Faial e o Pico, mas, não querendo enfrentar as perturbações atmosféricas que a aproximação do equinócio lhe fazia reçar, não teve oportunidade de chegar às Flores e ao Corvo. No dia 27 de Agosto, do Faial rumou para Leste e, passando ao lado de Santa Maria, ainda teve tempo de investigar os fundos das Formigas, antes de encetar a viagem de regresso, que não teve como meta imediata Génova, mas sim a Argélia, onde chegou a 14 de Setembro.

Toda a matéria do segundo capítulo, após a chegada aos Açores e a descrição da costa Sul de São Miguel, que o *Corsaro* bordeja antes de ficar retido por uma repentina bonança mesmo à entrada do porto de Ponta Delgada, episódio este ainda narrado no capítulo anterior, é independente da efectiva experiência do viajante: trata-se de uma longa e apaixonada reconstrução da controversa descoberta portuguesa das ilhas, com inúmeras citações de fontes historiográficas e cartográficas, bem como da enumeração das numerosas lendas que de algum modo se podem considerar ligadas aos acontecimentos. Se bem que o seu estatuto de produção efabulatória seja claramente evidenciado, não há dúvida de que, para o leitor médio italiano, questões como a da Ilha de São Brandão, ou da estátua equestre do Pico

que já fascinara Chateaubriand⁹, ou ainda do misterioso vaso cheio de preciosas moedas cartagineses, resultam de alguma maneira compensatórias da absoluta carência de exotismo que irá caracterizar o resto da narração. Mas mesmo a inclusão destas florações lendárias

⁹ "Il est probable que les Açores furent connues des Carthaginois ; il est certain que des monnaies phéniciennes ont été déterrées dans l'île de Corvo. Les navigateurs modernes qui abordèrent les premiers à cette île trouvèrent, dit-on, une statue équestre, le bras droit étendu et montrant du doigt l'Occident, si toutefois cette statue n'est pas la gravure d'invention qui décore les anciens portulans. J'ai supposé, dans le manuscrit des Natchez, que Chactas, revenant d'Europe, prit terre à l'île de Corvo, et qu'il rencontre la statue mystérieuse. Il exprime ainsi les sentiments qui m'occupaient à Graciosa, en me rappelant la tradition: «J'approche de ce monument extraordinaire. Sur sa base, baignée de l'écume des flots, étaient gravés des caractères inconnus: la mousse et la salpêtre des mers rongeaient la surface du bronze antique; l'Alcyon perché sur le casque du colosse, y jetait, par intervalles, des voix langoureuses; des coquillages se collaient aux flancs et aux crins d'airain du coursier, et lorsqu'on approchait l'oreille de ses naseaux ouverts, on croyait ouïr des rumeurs confuses.» (Chateaubriand, *Mémoires d'outre-tombe*, 3.^e ed., Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957, pp. 207-208). A lenda da estátua deve ter profundamente impressionado Chateaubriand, que a refere também em *Génie du Christianisme*, I, I, 11 — e note-se a conclusão do discurso: "Enfin, on ne s'arrête pas au pied d'un monument moderne dont l'origine est connue: mais que dans une île déserte, au milieu de l'Océan, on trouve tout à coup une statue de bronze, dont le bras déployé montre les régions où le soleil se couche, et dont la base soit chargée d'hiéroglyphes, et rongée par la mer et le temps, quelle source de méditations pour le voyageur! Tout est caché, tout est inconnu dans l'univers. L'homme lui-même n'est-il pas un étrange mystère? D'où part l'éclair que nous appelons existence, et dans quelle nuit va-t-il s'éteindre? [...]". Realmente, Chactaz, no romance, vê a mesma estátua, que lhe inspira esta reflexão: "A l'aspect de ce monument qui m'annonçait un noir océan de siècles écoulés, je sentis l'impuissance et la rapidité des jours de l'homme. Tout nous échappe dans le passé et dans l'avenir ; sortis du néant pour arriver au tombeau, à peine connaissons-nous le moment de notre existence." (Idem, *Les Natchez*, in *Œuvres romanesques et voyages*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1969, t. I, p. 281). Finalmente, existe uma referência à mesma lenda em *Voyage en Amérique*, in *Œuvres romanesques et voyages*, cit., p. 671.

não disfarça o cariz historiográfico e polémico do capítulo: para além de percorrer toda a história política, civil e institucional dos Açores, D'Albertis desenvolve temas como o contributo italiano, e especificamente genovês, para o desenvolvimento da competência marítima portuguesa — repisando o conceito de que mesmo os Açores foram primeiramente conhecidos pela grande escola náutica italiana — ou a instrumentação naval disponível na época dos Descobrimentos. Temos também o relato completo das vicissitudes geo-sísmicas e vulcânicas do Arquipélago, completado por resultados de análises químicas e mineralógicas, até se chegar à definição das virtudes dos solos actuais. O leitor, antes mesmo de assistir ao desembarque do Capitão, já sabe que este irá pôr o pé em ilhas que

[...] costituiscono al giorno d'oggi una delle più floride e belle provincie del Portogallo. Diverse sono le cause che concorrono alla loro prosperità, come un clima dolce, una posizione geograficamente favorevole allo sviluppo delle relazioni commerciali, una popolazione intelligente ed attiva, ma più di tutto, il suolo feracissimo.¹⁰

As razões da prosperidade que D'Albertis irá encontrar, em particular naquela Ponta Delgada que na altura era a terceira cidade do Reino, prendem-se obviamente com a inteligente política agrícola praticada na altura e com a prosperidade do comércio. A história económica micaelense é minuciosamente percorrida pelo genovês, com aguda percepção do suceder-se dos ciclos das monoculturas, das suas vantagens e da sua problematicidade. Note-se que D'Albertis conheceu São Miguel uma dezena de anos após a crise que assolara o cultivo da laranja, manancial financeiro que esteve na

¹⁰ D'Albertis, *Crociera del Corsaro alle Azzorre*, Milão, Treves, 1888, p. 75.

base do notável desenvolvimento que se verificara na época, e do qual o viajante italiano pôde ainda descrever os benéficos resultados, não só de um ponto de vista estritamente económico, mas em termos de cultura, refinamento social e posicionamento internacional. É notório e declarado o abundante recurso a informações e dados estatísticos que só lhe podiam advir do *entourage* de Ernesto e José do Canto: o encontro com o primeiro deu-se nas Furnas, para onde D'Albertis e Giusti se deslocaram logo à sua chegada, forçados pelas dores articulares a procurar imediato auxílio termal naquela que era a Baden-Baden atlântica. A sorte quis que naqueles mesmos dias viesse a ser inaugurado o mausoléu neo-gótico mandado erigir por José do Canto, que ainda hoje se admira na margem da Lagoa das Furnas: a festa que celebrou o fim das obras necessárias a cumprir o projecto do arquitecto francês Berton, e para as quais tinha sido preciso contratar mestres especializados no continente europeu, ficou deste modo testemunhada no livro. O relato da dezena de dias passados nas Furnas, alternado tratamentos e excursões, dando conta da vida social do lugar, bem mais movimentada e cosmopolita do que seria hoje imaginável, e entremeado por abundantes noções botânicas, geológicas, químicas, mineralógicas, etc., à boa maneira do Capitão, torna a primeira parte deste capítulo extremamente interessante; mas é na segunda parte, em que os viajantes regressam a Ponta Delgada e penetram no dia-a-dia da cidade, que a narração se torna mais viva e divertida. Seria difícil privilegiar uma ou outra das muitas observações curiosas ou relevantes destas memórias: o olho socialmente experimentado do visitador traça um quadro pormenorizado da vivência da cidade, sem nunca esquecer as bases económicas dos estilos de vida descritos. A maneira de trajar das diferentes classes sociais, os hábitos alimentares, o comércio, a higiene dos mercados, as manifestações de socialidade e as formas de culto, a educação, as escolhas urbanísticas: nada parece escapar à curiosidade de D'Albertis, sempre dis-

posto ao elogio ou à crítica, mas sobretudo à comparação com outras realidades urbanas por ele conhecidas (e *in primis* com a sua própria cidade, sempre presente na sua mente, à qual dirige conselhos ou reprimendas, indicando modelos a seguir ou exemplos a evitar). É também nesta parte que o leitor fica a conhecer os famosos jardins da cidade, ainda hoje seu grande atractivo, na sua fase de implantação: e dado que a descrição desses empreendimentos permite mencionar os seus promotores, o leitor tem nas mãos uma espécie de *who's who* micaelense, cuja leitura é ainda hoje esclarecedora¹¹.

A estrutura narrativa deste capítulo não é diferente dos restantes, dedicados às outras ilhas. A tripulação do *Corsaro* desembarcou só no Faial e no Pico. Se alguns contactos tidos na Horta motivaram toda uma série de páginas dedicadas à indústria baleeira, a travessia do Canal foi devida a um interesse de outro género: o relato da subida ao topo da montanha, com o espectáculo do amanhecer visto do Piquinho do Pico, aparece imbuído de autêntica emoção (e, como é frequente no autor, é nestes momentos que se tornam mais numerosas as citações dantescas). Quanto às restantes ilhas do Grupo Central, que só foram circum-navegadas, como às ilhas do Grupo Ocidental, que não conseguiu sequer ver de longe, são fornecidas abundantes informações recolhidas nas fontes mais diversas: não só na massa documental reunida no *Archivo dos Açores*, mas também nas obras de diversos historiadores portugueses, e em particular nas

¹¹ Entre muitas leituras possíveis sobre este tema, recomenda-se a de Isabel Soares de Albergaria, *Quintas, Jardins e Parques de São Miguel*, Lisboa, Quezta, 2000, que analisa o 'salto civilizacional' que se verificou no último quartel do século XVIII, quando, da substancial continuidade das formas de vida associativa importadas pelos primeiros colonizadores, a sociedade micaelense passou a adoptar paradigmas económicos e culturais que a colocavam na vanguarda da nação portuguesa no seu todo.

Saudades da Terra de Gaspar Frutuoso, que o viajante italiano deve ter lido com muita atenção.

Como se pode constatar, já antes da *Donna di Porto Pim* de Tabucchi, os Açores foram propostos ao público italiano por via literária: mas, sublinhe-se, com intenção diametralmente oposta (enquanto D'Albertis quis *aproximar* dos leitores o Arquipélago atlântico, num momento histórico em que favorecer o conhecimento mútuo fazia parte de uma coerente estratégia progressista, Tabucchi construiu os seus Açores como o último reduto de uma dimensão existencial perdida no resto da Europa, como um melancólico sonho destinado também ele a desvanecer-se, mas de momento ainda protegido por uma distância que o escritor se esforçou por amplificar). É evidente que uma grande diferença de qualidade literária separa o pequeno livro nosso contemporâneo do agradável relato de viagem oitocentista, e isto talvez concorra para explicar a razão pela qual, nos Açores, o autor mais antigo está tão esquecido. Não será porém adequado aplicar aos livros de D'Albertis exigências artísticas que o autor nunca assumiu: e é justo reconhecer que, na categoria dos 'honestos livros de viagem'¹², como Tabucchi os definiria, os dois livros de argumento português do Capitão são experiências bem conseguidas.

¹² A. Tabucchi, *Donna di Porto Pim*, 3.^a ed., Palermo, Sellerio, 1986, p. 9.

BIBLIOGRAFIA

1878, *ARCHIVO DOS AÇORES*, v. I, Ponta Delgada (ed. fac-similada, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1979).

1888, *ARCHIVO DOS AÇORES*, v. X, Ponta Delgada (ed. fac-similada, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982).

112

CACCIARI, M.

1997, *Arcipelago*, Milano, Adelphi.

CHATEAUBRIAND

1957, *Mémoires d'outre-tombe*, 3.^e ed., Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.

CHATEAUBRIAND

1969, *Œuvres romanesques et voyages*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.

CHATEAUBRIAND,

1978, *Essai sur les révolutions. Génie du Christianisme*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.

D'ALBERTIS, A.

2005, *Marinaio Gentiluomo. La vita avventurosa di Enrico D'Albertis, un moderno viaggiatore di altri tempi*, Genova, Il Golfo.

D'ALBERTIS, E. A.

1877, *Crociera del Violante comandato dal Capitano Armatore E. d'Albertis durante l'anno 1876*, Genova, R. Istituto Sordomuti.

D'ALBERTIS, E. A.

1884, *Crociera del Corsaro alle isole Madeira e Canarie*, Genova, R. Istituto Sordomuti.

D'ALBERTIS, E. A.

1888, *Crociera del Corsaro alle Azzorre*, Milano, Treves.

D'ALBERTIS, E. A.

1898, *Crociera del Corsaro a San Salvador*, Milano, Treves (ed. Torino, Paravia, 1920).

FRUTUOSO, G.

1569-1591, *Saudades da Terra*, 6 v., Lisboa (ed. actualizada, Ponta Delgada, 1963-64).

113

RILEY, C. G.

2001, "José do Canto, um *gentleman farmer* açoriano", in *Análise Social*, n.º 160, v. XXXVI, Outono, pp. 685-710.

RILEY, C. G.

2004, "Das Luzes pombalinas às encruzilhadas liberais nos Açores: o caminho de S. Miguel", in *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, Porto, FLUP, pp. 917-924.

RILEY, C. G.

2006, *Os Antigos Modernos. O Liberalismo nos Açores: uma abordagem geracional*, Tese de Doutoramento em História Contemporânea; Ponta Delgada, Universidade dos Açores.

SOARES DE ALBERGARIA, I.

2000, *Quintas, Jardins e Parques de São Miguel*, Lisboa, Quezta.

SURDICH, F.

1985, "D'Albertis E. A.", in *Dizionario Biografico degli Italiani, Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani*, v. XXXI, Roma, Società Grafica Romana, pp. 701-703.

TABUCCHI, A.

1983 (1986, 3.^a ed.), *Donna di Porto Pim*, Palermo, Sellerio.

VERDELHO DA COSTA, L.

1995, *Alfredo de Andrade, 1839 — 1915*, Tese de Doutoramento em História da Arte; Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.